

Conclusões das Jornadas Hispano-Lusas Chaves, 2 e 3 de novembro de 2023

A Federação Nacional dos Médicos (FNAM) e a Confederação Espanhola de Sindicatos Médicos (CESM) reunidas em Chaves a 2 e 3 de novembro de 2023, debateram a realidade laboral dos médicos dos serviços públicos de ambos os países. Os temas em debate foram a avaliação da insuficiência de médicos em Portugal e Espanha nos serviços públicos de saúde, os incentivos para fixar médicos e o problema das migrações em ambos os países.

Em Portugal o número de médicos duplicou em menos de 30 anos. O número de faculdades e de alunos de Medicina continua a aumentar (de quatro passou para onze). Embora existam mais de 60000 médicos no país, apenas 29 mil trabalham no Serviço Nacional de Saúde (SNS), ou seja, menos de metade (dados de dezembro de 2019). Mais de nove mil são médicos internos. Assim, há cada vez mais médicos no país, mas mais faltam no Serviço Nacional de Saúde (SNS). Isto deve-se a 12 anos de salários congelados em que a remuneração real dos médicos em Portugal foi a que mais desceu na OCDE, estando atualmente entre os salários mais baixos da Europa.

Em Espanha a falta de médicos nos serviços públicos é uma realidade comprovada, embora variável, de acordo com as especialidades e as regiões. A falta de médicos determina atrasos no atendimento e saturação nas consultas, circunstância que por sua vez influencia a fuga dos médicos e o agravamento do problema. A “solução” governativa para a falta de médicos, foi a criação de cada vez mais faculdades de medicina e propor restrições à mobilidade dos médicos. Quando a verdadeira solução para o problema residiria no planeamento sério, competente e adequado da formação de especialistas e na melhoria das suas condições de trabalho e remuneração. Os dados em Espanha mostram que não está a ser feito um planeamento adequado das necessidades e que o aumento de diplomados em medicina a médio prazo causará um excesso de médicos e o regresso à precariedade dos anos 80. Este aumento ultrapassa em muito o défice condicionado pelas reformas que diminuirão para metade a partir de 2026.

Neste contexto, a perda continuada de médicos por via da emigração, com tendência crescente, problema que Portugal e Espanha partilham, é extremamente preocupante.

Os médicos indicam como causa principal a degradação das condições de trabalho. A grande maioria destes médicos não abandonaria o seu país de formação se as condições propostas

fossem ajustadas. A solução passa por oferecer condições de trabalho que respeitem o justo valor do trabalho médico e o equilíbrio da vida profissional com a pessoal e familiar.

Aos médicos internos além de assegurar vagas necessárias para que se possam especializar, é necessário manter a formação de qualidade e com condições de trabalho adequadas.

Quanto aos médicos que imigram para Portugal e Espanha, é essencial respeitar o seu direito à mobilidade global, mas assegurando a qualidade da sua formação. A sua situação precária não pode servir de argumento para deteriorar ainda mais as condições de trabalho, quer destes quer dos médicos nacionais. A realidade da livre circulação na União Europeia, obriga a cuidados acrescidos por parte de todos os países integrantes, para que não hajam assimetrias nesta exigência.

São assim evidentemente necessárias medidas para fixar e fidelizar os médicos aos serviços de saúde públicos. Em síntese, tal implica a garantia de melhores condições: jornada de trabalho apropriada (35 horas semanais), limite à sobrecarga do trabalho suplementar, respeito pelo descanso, progressão na carreira e adequada valorização salarial.

A planificação é essencial identificando áreas e centros de difícil e muito difícil cobertura, com incentivos remuneratórios e não remuneratórios extensíveis à equipa que já aí se encontra. É importante também que se cumpram as normas europeias de limite de jornada de trabalho e descanso entre jornadas e a regulamentação para o exercício de medicina de qualidade.

Estes sindicatos aqui reunidos reafirmam a sua firmeza na reivindicação destes direitos básicos para os médicos e essenciais para os respetivos serviços públicos de saúde, para que estes cumpram integralmente com o seu propósito.

Chaves, 3 de novembro de 2023

Conclusiones de las Jornadas Hispano-Lusa Chaves, 2 y 3 de noviembre de 2023

La Federación Nacional de Médicos (FNAM) y la Confederación Española de Sindicatos Médicos (CESM, reunidas en Chaves los días 2 y 3 de noviembre de 2023, debatieron la realidad laboral de los dos médicos de los servicios públicos de los dos países. Los temas a debate han sido la evaluación de escasez de médicos en Portugal y España en los servicios públicos de salud, los incentivos para atraer médicos y el problema de las migraciones en ambos países.

En Portugal el número de médicos ha duplicado en menos de 30 años. El número de facultades y estudiantes de medicina sigue aumentando (de cuatro facultades se ha pasado a once). Aunque existan más de 60 mil médicos en el país, solo 29 mil trabajan en el Servicio Nacional de Salud (SNS), o sea, menos de la mitad (datos de diciembre de 2019). Más de nueve mil son médicos residentes. Así, hay cada vez más médicos en el país, pero más faltan en el Servicio Nacional de Salud (SNS). Esto se debe a 12 años de salarios congelados en que la remuneración real de dos médicos en Portugal era la que más bajó en la OCDE, estando actualmente entre los salarios más bajos de Europa.

En España, la falta de médicos en los servicios públicos es una realidad contrastada, aunque varía según especialidades y regiones. La falta de médicos provoca retrasos en la atención y saturación en las consultas, circunstancia que a su vez influye en la fuga de médicos y agrava el problema. La “solución” gubernamental a la falta de médicos fue crear cada vez más facultades de medicina y proponer restricciones a la movilidad de los médicos. Cuando la verdadera solución al problema pasaría por una planificación seria, competente y adecuada de la formación de especialistas y por la mejora de sus condiciones de trabajo y remuneración. Los datos en España muestran que no se está realizando una planificación adecuada de las necesidades y que el aumento de titulados en medicina a medio plazo provocará un exceso de médicos y una vuelta a la precariedad de los años 80. Este aumento supera con creces el déficit condicionado por las jubilaciones que se reducirán a la mitad a partir de 2026.

En este contexto, la continua pérdida de médicos por la emigración, con tendencia creciente, es un problema que comparten Portugal y España y resulta sumamente preocupante.

Los médicos señalan como principal causa el deterioro de las condiciones laborales. La gran mayoría de estos médicos no abandonarían su país de formación si se ajustaran las condiciones propuestas. La solución pasa por ofrecer condiciones laborales que respeten el valor justo del trabajo médico y el equilibrio entre la vida profesional, personal y familiar.

Para los médicos residentes, aparte de asegurar las plazas necesarias para que puedan especializarse, es necesario mantener una formación de calidad y unas condiciones laborales adecuadas.

En cuanto a los médicos que inmigran a Portugal y España, es esencial respetar su derecho a la movilidad global, pero garantizando la calidad de su formación. Su situación precaria no puede servir como argumento para deteriorar aún más las condiciones laborales, ya sea de estos o de los médicos nacionales. La realidad de la libre circulación en la Unión Europea exige un mayor cuidado por parte de todos los países miembros, para que no haya asimetrías en esta exigencia.

Por lo tanto, es evidente que se necesitan medidas para fijar y fidelizar a los médicos en los servicios de salud pública. En definitiva, esto implica la garantía de mejores condiciones: jornada laboral adecuada (35 horas semanales), límite a la sobrecarga de horas extras, respeto al descanso, progresión en la carrera y mejora salarial adecuada.

La planificación es esencial identificando áreas y centros difíciles de cubrir, con incentivos remunerativos y no remunerativos extendidos al equipo que ya está allí. También es importante cumplir con las normas europeas sobre límites de jornada laboral y descanso entre jornadas y las normativas para el ejercicio de una medicina de calidad.

Estos sindicatos aquí reunidos reafirman su firmeza en exigir estos derechos básicos para los médicos y esenciales para los respectivos servicios públicos de salud, para que estos cumplan cabalmente con su objeto.

Chaves, 3 de noviembre de 2023